



Agroecologia: uma alternativa de desenvolvimento territorial local no município de Verê – sudoeste do Paraná

Elaine Fabiane Gaioviz*

Resumo: A chamada modernização da agricultura representou um período de intensificação do processo de degradação ambiental, provocando modificações nas relações de trabalho. Um dos movimentos de resistência a essa padronização de produção é a agricultura agroecológica emergente, que vem gerando em alguns municípios do Sudoeste do Paraná, como Verê, resultados importantes. Por esses motivos, buscamos compreender a dinâmica de produção agrícola familiar agroecológica no município de Verê, como uma forma alternativa a forma de produção imposta pela Revolução Verde; além de verificar uma forma de submissão do agricultor familiar, de mecanismos de controle, através da integração avícola, representada pela Sadia – Unidade de Dois Vizinhos; ainda, procuramos analisar as condições de organização política e mapear os agricultores agroecológicos de Verê.

* Mestre em Geografia pela Unioeste – Campus de Francisco Beltrão.

Agroecology: an alternative of local territorial development on Verê municipality - south-west of Paraná

Abstract: This research deals with the evolution of the countryside-city issue in Brazilian Geography from 1939 until 2009. It is based on essays published in ten Geography scientific journals. The essay presents the geographers' varied ways of investigation, regarding the relation countryside-city, from a dichotomist and little interconnected view in classical Geography, going through the uses of spatial and quantitative standards in theoretic Geography (it is still an area with little interconnection of the urban with rural spaces), until the issues associated with and linked to the peri-urban, rur-urban and continuous spaces in the combination of structures and processes of the rural and urban spaces in contemporary Geography.

Palavras-chave:

Agroecologia; Agricultura Familiar; Território; Desenvolvimento; Verê.

Key-Words:

Agroecology; Family Agriculture; Territory Development; Verê

Introdução

O presente texto é resultado de um dos capítulos da dissertação de mestrado, intitulada: Território e Poder: a produção agroecológica como estratégia de desenvolvimento territorial, através da qual, buscamos explicar as características fundamentais no processo de integração dos trabalhadores familiares rurais e de apresentar - baseada na autonomia destes - a agroecologia como uma forma alternativa de produção. Desta maneira, descrevemos no presente texto, os resultados da pesquisa sobre a territorialização do capital através da integração em espaços que pertencem à agricultura familiar, mais minuciosamente sobre as atividades da Sadia – unidade de Dois Vizinhos. E contrapondo-se a este processo, a agroecologia, - no município de Verê, - que se baseia no cultivo de alimentos saudáveis, na preocupação com a saúde humana e na preservação do ambiente.

Sendo assim, percebemos que os agricultores familiares são os membros mais importantes na luta pela efetivação da produção agroecológica como processo alternativo e rentável não só econômica, mas também ambiental e culturalmente. Para entendermos melhor esse processo em pequenas propriedades, descreveremos a seguir os produtores que fazem da produção agroecológica uma forma de subsistência e fonte de renda, além de uma propriedade integrada à Sadia, demonstrando sua organização, e também a insatisfação do avicultor integrado.

Compreendemos a produção agroecológica envolvendo a produção diversificada de alimentos, a preservação e conservação do ambiente e o cuidado com a saúde da família do agricultor e dos consumidores em geral, garantindo autonomia e inclusão social do produtor agroecológico.

Em Verê/PR, há 19 agricultores que produzem agroecologicamente; porém, alguns destes possuem renda de outras atividades, tais como arrendamento de terras para terceiros, cultivo de produtos convencionais, e, ainda, venda de seu trabalho na cidade como trabalhador assalariado. Para compreender melhor esta análise, dividimos os produtores em parcialmente agroecológicos e totalmente agroecológicos, pois entre os 19, 12 são parcialmente agroecológicos, associando a produção orgânica ao cultivo convencional na mesma propriedade, porém em terras diferentes, seja como agricultor ou como arrendador. Os outros 7 têm a propriedade totalmente agroecológica.

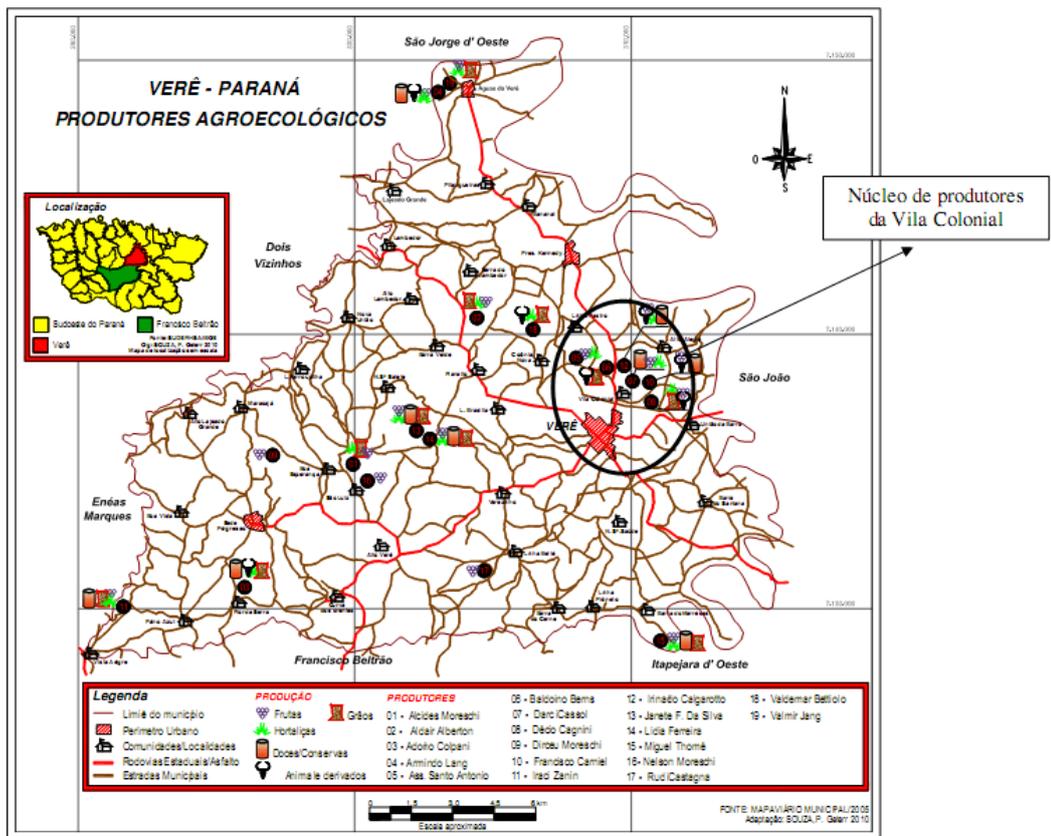
A integração é consequência do processo de expansão do capital; é a ação do capital sobre a agricultura em seu movimento de concentração, causando impactos sociais, regionais, econômicos e ambientais. O número de aviários integrados à Sadia, no município, é considerável; são 78, mas isso não quer dizer que há 78 propriedades integradas, pois, em algumas delas, há mais de um aviário.

O município de Verê é pequeno se comparado a outros municípios como Francisco Beltrão e Dois Vizinhos também do Sudoeste do Paraná, pois possui uma área de 312Km². O fato que nos chama a atenção é que, em 10 das 36 comunidades, os agricultores agroecológicos estão presentes. Em uma delas, com maior destaque, na comunidade de Vila Colonial formando um núcleo de 6 produtores agroecológicos, entre os 19, destes, 4 são parcialmente - Décio Cagnini, Francisco Carniel, Irinaldo Calgarotto, e Associação Santo Antônio - e 2 são totalmente agroecológicos, Darci Cassol e Baldoino Berns.

É importante comentar que, em duas comunidades, - Boa Esperança e Águas do Verê - os agricultores agroecológicos encontrados pertencem à mesma família como Dirceu, Nelson e Alcides Moreschi, de Boa Esperança, que aprenderam a cultivar agroecológicos em cursos oferecidos pelo CAPA (Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor); já Armindo Lang e seu genro Valmir Jahn, de Águas do Verê, afirmam que aprenderam a cultivar com base na “Tradição Familiar” e, dessa maneira, buscam passar adiante para seus filhos e netos.

Os outros produtores, conforme observamos na figura 1, estão distribuídos por outras comunidades como: Janete e Lídia Ferreira que, apesar de possuírem os mesmos sobrenomes, não possuem grau de parentesco e residem na comunidade de Vila Rural São Luiz; a propriedade de Valdemar Betiollo encontra-se em Colônia Nova; Aldair Alberton – Planalto; Aldoino Colpani – Sede Progresso; Iraci Zanin – Plano Azul/Vista Alegre; Miguel Thomé – Barra do Marrecas e Rudi Castagna, na comunidade de Linha Belé. Mostramos também no mapa, o tipo de produto que cada agricultor cultiva e, a partir disso, verificamos que o produto com maior destaque é a uva, encontrada em 15 dos 19 produtores, além das hortaliças cultivadas em 14 propriedades.

Figura 1- Localização das propriedades agroecológicas de Verê



Verificamos a territorialização da produção agroecológica em Verê; nele há nós distribuídos de Norte a Sul e de Leste a Oeste, formando entre eles redes de ligação, que se dão pelas trocas de experiências, de mudas, de sementes ou, até mesmo, por eles próprios; através disso, forma-se a malha da produção agroecológica, um conjunto de relações econômicas, políticas, sociais e ambientais uma vez que, segundo Raffestin (1993), são produzidas tridimensionalmente (sociedade-espaço-tempo).

Além disso, todos os produtores agroecológicos fazem parte de um mesmo território, da agroecologia, mas cada um possui sua identidade, expressa individualmente quando cada produtor adapta-se ao seu contexto social ou coletivamente, construída por meio da APAV (Associação dos Produtores Agorecológicos de Verê), com relações econômicas, mas também de reconhecimento, afetividade e confiança.

Ademais, a agroecologia, além de ser uma forma de identificação do agricultor, serve também, como alternativa de produção, viabilizando a pequena propriedade, produzindo alimentos saudáveis, protegendo o ambiente ensejando parcerias entre pessoas do mesmo território, ou não, estabelecendo novas relações de troca.

Para conhecermos a organização das propriedades estudadas, elaboramos cinco croquis, um de uma integrada, dois das parcialmente agroecológicas e dois das totalmente agroecológicas. Eles permitem analisar aspectos da paisagem e a organização de cada propriedade de acordo com a sua produção. Convém esclarecer que a paisagem é compreendida como o resultado de elementos biológicos e antrópicos, que imprimem suas características produzindo, reproduzindo e continuamente transformando a paisagem. Ressaltamos que, em algumas propriedades, as ações humanas são mais visíveis, enquanto em outras a natureza tem o papel central e fundamental. Iniciamos nossa discussão com a integração contratual realizada pela Sadia.

Propriedade integrada à Sadia – Dois Vizinhos – Sudoeste do Paraná

A propriedade integrada à Sadia localiza-se na comunidade de Planalto, município de Verê; nela trabalha um casal contratado e, em alguns finais de semana, o proprietário. Com 4,42 hectares, apenas a produção de frangos é para comercialização, as ovelhas, hortaliças e frutas são para consumo da família.

A base dos dados a seguir é referenciada por uma entrevista realizada com um avicultor integrado (2010). Atualmente, para construir um aviário nos padrões 24x100, exigidos pela Sadia, são necessários aproximadamente R\$500.000; destes, R\$80.000 são para terraplenagem e terreno, e R\$420.000 para implantação, construção e automatização (equipamentos) do aviário, um investimento alto para quem sobrevive somente disso. E é este fator que, na maioria das vezes, impede os avicultores de “abandonarem” este tipo de produção.

Figura 2 – Propriedade Integrada à Sadia – Dois Vizinhos



Em um aviário de 12x100, é possível uma produção de 18.000 aves por lote. Dependendo da qualidade do frango (avaliada pela integradora) recebem de 0,52 a 0,56 centavos por cabeça, aproximadamente R\$19.500 por lote. É um valor considerável, se não contar com os descontos (ração, frangos de um dia, assistência técnica, medicamentos, carregamento...) e com os custos de produção (maravalha, lenha, energia elétrica, manutenção, mão-de-obra), que variam de 70% a 85% do total, originando um ganho de 30% a 15%. Quando o lote é considerado bom, gera em torno de 25% ou R\$4.875 que, durante 7 anos, foram investidos na propriedade.

As atividades realizadas, durante o desenvolvimento de um lote de frangos, são cansativas e desgastantes; nos primeiros cinco dias, são necessários atenção e cuidados especiais, inclusive à noite, observando o acesso à água, comida e o controle da temperatura, que são os mais importantes é a fase de adaptação da ave de um dia, após esses dias, os espaços de tempo de averiguação e cuidados ficam mais extensos. É preciso tomar cuidado para não faltar água nem ração e para não criar casca na cama de aviário, para garantir qualidade da produção. A assistência técnica é exigente e acompanha a produção desde a ave de um dia até sua saída para o abate, são aproximadamente 6 visitas por lote.

No final do lote, a Sadia permite que o avicultor acompanhe a produção até a balança, com carro próprio, no entanto, dentro da empresa nada é permitido, nem mesmo a entrada, por isso, o avicultor não acompanha a avaliação da sua produção, e, na maioria das vezes, não sabe de onde vêm tantos descontos, e se conhece alguns problemas — calo de patas, baixo peso, — não tem certeza de que isso ocorreu, pois não é permitido o acompanhamento da avaliação.

Dentre as exigências da empresa integradora, estão metas de produção, manejo adequado e sanidade. Eu nunca deixei de cumpri-las, mas soube através de alguns avicultores, que se o integrado não atingir a média (peso e qualidade), pode receber gancho de até 60 dias, ou seja, ele fica sem produzir e conseqüentemente sem receber. Se fosse hoje, eu não investiria na produção avícola integrada, mas sim, em outros ramos, mas como na época, 2003, eu já trabalhava com a comercialização de equipamentos avícolas, facilitou. (Entrevista ao avicultor integrado, realizada por GAIOVICZ, E.F., 2010).

Entre os pontos positivos e negativos, os últimos são mais consideráveis, pois os resultados sempre surpreendem; a comercialização da cama não é garantida, ficando depositada na propriedade ocupando os pequenos espaços que restam; os investimentos, muito altos e constantes devido à rigidez das exigências da integradora e há um cálculo de renda média, utilizando a renda de outros avicultores através de conversões ilusórias, dificultando o cálculo preciso por parte dos avicultores. Apesar de poucos, os aspectos positivos são investimentos a longo prazo e experiência de uma forma diferente de produção.

Na propriedade (figura 3), há dois aviários de 12x100, construídos no ano de 1990; na época, com pouca automatização, os bebedouros e comedouros eram limpos e preenchidos manualmente assim como o controle da temperatura; eram necessárias duas pessoas para dar conta de um aviário.

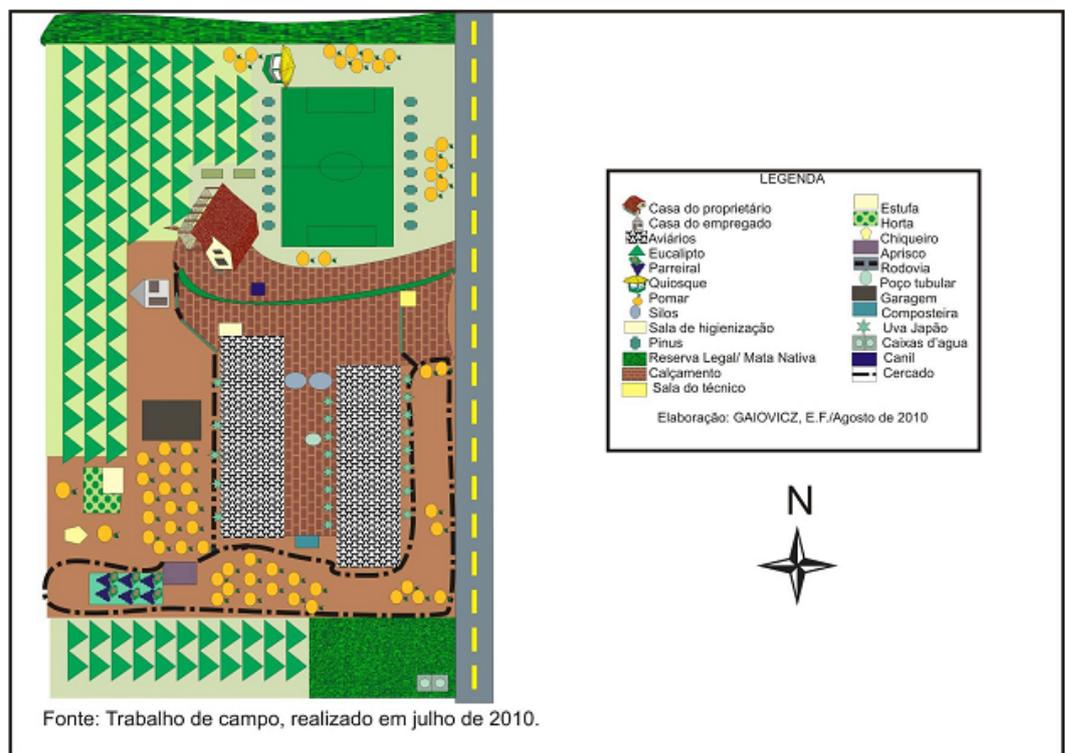
Desde 2003, quando o avicultor adquiriu a propriedade, até 2010, todo o ganho e ainda alguns financiamentos realizados nos bancos Itaú e Bradesco foram investidos na propriedade, aproximadamente R\$90.000 por aviário. Além de não utilizar os ganhos da produção em outros investimentos, o avicultor ainda pagou 8,75% ao ano de juros ao banco Itaú, por um financiamento de 5 anos, e 6,75% ao Bradesco por um financiamento de 8 anos. Por esse motivo, paralelamente à produção avícola integrada, mantém outra atividade, o comércio de equipamentos para produção avícola, para ordenha mecânica e para proteção de fontes.

De acordo com o avicultor, é desanimador trabalhar com uma empresa integradora como a Sadia, pois há um descaso com os avicultores, principalmente na parte de logística da empresa, a qual controla a distribuição de insumos nas propriedades, pois “a empresa deixou a minha propriedade quatro lotes sem ração”. Apesar desses contratemplos, afirma que a Sadia é uma empresa séria, que não engana os avicultores no peso da produção, mas as técnicas utilizadas para contabilizar os ganhos, empregando a média de alguns avicultores, desvaloriza o trabalho e

a produção de outros, diminuindo a renda, dificultando a permanência como avicultor integrado.

A técnica de produção integrada organiza a paisagem da propriedade de forma simplificada, como podemos observar na figura 3. Não existe diversificação de cultivos, toda a propriedade é organizada a partir do centro, que são os aviários, separando-os das demais dependências através de cercados. O pomar, o parreiral, a estufa, a horta e o espaço de criação das ovelhas ficam separados, ao Sul da propriedade. As casas do proprietário e do caseiro, o espaço de lazer localizam-se ao Norte e, a Oeste, está a produção de eucaliptos para uso na caldeira dos aviários. Conforme o avicultor, a produção de eucaliptos em propriedades avícolas integradas é comum, pois é a forma que o avicultor encontra para diminuir os custos de produção por um período determinado, evitando o gasto com a compra de lenha.

Figura 3 – Propriedade Integrada à Sadia – Dois Vizinhos



1- Associação formada por 6 agricultores que produzem uva na propriedade de um dos sócios, que trabalha permanentemente na propriedade juntamente com a esposa.

O que observamos, na figura 1, é uma paisagem humanizada, definida por Sauer (1925) como uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais, chamada de paisagem posterior à ação humana. Assim, podemos afirmar que a paisagem da propriedade integrada é uma paisagem cultural, ou seja, humanizada, inclui todas as modificações feitas pelo homem no espaço rural. Além da cultura, verificamos também elementos econômicos como, por exemplo, a localização — próxima à rodovia principal — facilitando o transporte das mercadorias.

Percebemos que integradora e integrado possuem interesses diferentes, pois, a primeira, entende a integração como uma estratégia de controle dos mercados rurais e redução da mão-de-obra; já para os integrados é uma oportunidade, garantia de produção, de preço e de renda, facilitando seu acesso ao capital, mas, não é exatamente isso que encontramos na prática; o que notamos é o distanciamento do avicultor integrado de sua autonomia financeira; é a presença de mecanismos de subordinação e um deles é o contrato, no qual são estabelecidas “normas”, obrigações e deveres dos avicultores; ao mesmo tempo, são esclarecidos significativamente os interesses e direitos da integradora. Através do contrato o integrado perde autonomia e identidade, vivendo um processo de subordinação, dominação de sua força de trabalho e de sua propriedade.

Entre os produtores parcialmente agroecológicos do município de Verê estão: Aldair Alberton, Armindo Lang, Associação Santo Antônio¹, Décio Cagnini, Dirceu Moreschi, Francisco Carniel, Iraci Zanin, Irinaldo Calgarotto, Miguel Thomé, Nelson Moreschi, Valmir Jahn e Valdemar Betiollo. Apresentamos a seguir duas sínteses dos dados coletados em trabalho de campo, em 2009 e 2010, essas duas propriedades foram escolhidas, devido ao seu tamanho e à relação existente entre a produção agroecológica e a convencional.

Propriedade Parcialmente Agroecológica da Família Alberton

De acordo com entrevista realizada em trabalho de campo (2009), a família Alberton reside em Verê, na comunidade de Planalto, e na propriedade há 40 anos; atualmente, trabalham permanentemente 5 pessoas; destas, duas são empregados e os outros da família. Trabalham com a agroecologia desde 2000, devido a uma intoxicação do proprietário. Aprenderam a cultivar através de cursos oferecidos pelo CAPA, CRESOL e Prefeitura Municipal. A área total da propriedade é de 39,72 hectares, distribuídos da seguinte forma: 24,24 de culturas temporárias como soja e milho convencionais; 4,80 são agroecológicos, com produção de hortaliças como alface, rúcula, beterraba, cenoura, pepino, tomate e outros; 1 de parreiral com uvas concórdia e bordô agroecológicas (figura 4); 7,26 de pastagem permanente e, 2,42 de mata nativa.

Figura 4- Parreiral da Propriedade de Aldair Alberton



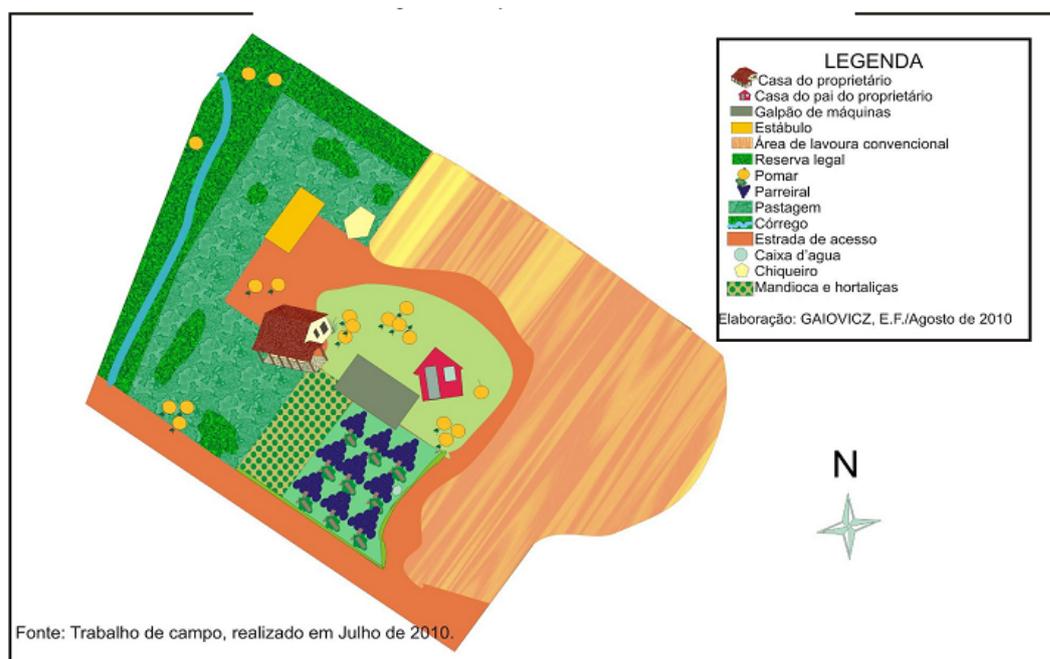
Fonte: Arquivo pessoal, GAIOVICZ, E.F. Agosto de 2009.

Na área agroecológica da propriedade, o combate às pragas é feito através de inseticidas naturais, que servem como repelentes e a fertilidade do solo é mantida com uso de adubação verde, que serve como cobertura e proteção do solo. As mudas de parreira foram compradas em Bento Gonçalves-RS, através do CAPA, uma das entidades parceiras do produtor, que fornece assistência técnica juntamente com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais; além da APROVIVE, que transforma a uva e comercializa o suco e a geleia, por fim, a CRESOL com os financiamentos.

Quando há disponibilidade, Aldair Alberton participa de feiras em outros municípios como Curitiba – Feira dos Sabores; e, no Rio de Janeiro – Alfoque, onde comercializa parte da sua produção. Segundo o produtor, para incentivar os produtores a aumentarem a produção, é necessário valorização do produto no mercado, diferenciando-o; organização por parte dos produtores de outras associações, como a APAV, que servem para fortalecer a produção e a permanência do agricultor como agroecológico; e, por fim, é importante a divulgação: informar ao consumidor a importância de consumir produtos agroecológicos, mais saudáveis e sem agrotóxicos em sua produção.

Na figura 5, observamos que, na área com práticas convencionais — a maior da propriedade — há monocultura, formando uma paisagem homogênea, constante quando falamos de cultivos convencionais, diferente da área do parreiral, das hortaliças e do mandiocal, relativamente pequena, mas com diversidade vegetal, a área agroecológica da propriedade. Desse modo, coexistem duas paisagens dentro de uma mesma propriedade, a Leste, homogeneidade e simplificação da paisagem no cultivo convencional; a Oeste, uma heterogeneidade, com a presença de elementos naturais e antrópicos associados, através da produção agroecológica. Enquanto na área com produção convencional há produção de duas variedades de produtos (milho e soja) ao longo do ano, em diferentes épocas, comercializadas com a COASUL, na área de práticas agroecológicas, a diversificação é mais intensa: 5 a 10 produtos diferentes, além da uva, da qual, 80% é entregue para a indústria de sucos Viry e, 20% comercializados em duas partes: uma diretamente com os consumidores e a outra transformada em vinho artesanal para consumo da família. Há também a produção de leite agroecológico, 12 mil litros/mês comercializados com o Laticínio Lambedor, de Verê, embora o produto não receba valor diferenciado.

Figura 5 – Propriedade de Aldair Alberton



Outro aspecto importante dessa figura é que, na área de práticas convencionais, não há presença de mata nativa, pois esse espaço é todo “aproveitado” para a produção; já na porção Oeste da propriedade, há mata nativa, utilizada como área de pastagem para o gado leiteiro, além da mata ciliar que protege o rio que passa pela propriedade. Ademais, a área de produção convencional, além de diminuir a diversidade, agrega elementos que eliminam o trabalho e facilitam o acesso das máquinas e insumos necessários ao cultivo.

Entre as vantagens em produzir agroecologicamente, Aldair aponta: a)

menos contato com agrotóxicos; b) menores custos de produção; c) facilidade de financiamentos através da CRESOL com menores juros. Em relação às desvantagens, relaciona: falta de mão-de-obra e dificuldade na conversão do solo.

A paisagem encontrada nessa propriedade é aquela compreendida, neste trabalho, como uma relação entre elementos físicos, biológicos e antrópicos, que dão formas diferenciadas à paisagem. É, ao mesmo tempo, natural e cultural; é o que Berque (2004) chama de grafia e matriz, grafia efetivada pela ação humana impressa na paisagem e matriz, pois a natureza é quem possibilita condições para a concretização das ações humanas.

Propriedade Parcialmente Agroecológica da Família Cagnini

A propriedade de Décio Cagnini é diferente da anterior, pois, além de produtor agroecológico, é técnico agrícola especializado nessa produção e trabalha no CAPA. Assim, sua unidade produtiva está muito bem organizada e serve de referência no município e região. O que a define como parcialmente agroecológica é o fato de haver, na propriedade, plantação de eucaliptos, não considerada produção alternativa sustentável, pois, além de degradar o solo, consome grande quantidade de água, eliminando nascentes, portanto contrariando os objetivos da agroecologia. A família Cagnini é originária do Rio Grande do Sul e mora no município desde 1951. Como ele se ocupa das atividades do CAPA, em algumas épocas, contratam um casal como empregados temporários, ou diaristas, para auxiliarem nas tarefas de sua propriedade. A gestão da propriedade é familiar, com área total de 13,6ha; em 3 ha há silvicultura (eucaliptos); 1 ha de pastagens permanentes, 20% da área total da propriedade é de mata nativa e o restante dedicado à fruticultura [uvas, maçã, pêra, pêssego e laranja], erva-mate (5.000 pés) e hortaliças em estufas (figura 6), além da produção própria de mudas em estufa. A produção é certificada pela Rede Ecovida.

Figura 6- Estufa de alface



Fonte: Arquivo pessoal, GAIOVICZ, E.F./Maio de 2010.

Décio trabalha agroecologicamente há 10 anos. Fez essa escolha para cuidar das crianças, pois sua filha havia-se intoxicado com “o veneno dos tomates”. Foram os primeiros, em Verê, a optar pela agroecologia, graças ao trabalho no CAPA. “Foi um desafio naquela época, como funcionário do CAPA, tive que dar o bom exemplo e o experimento deu certo” afirma Décio. Para

comercialização, vende uma parcela da produção in loco, participa de feiras a cada 15 dias (Foz do Iguaçu e Curitiba), entrega as hortaliças na APAV e a uva na fábrica de sucos Viry da APROVIVE.

A propriedade de Décio Cagnini é bem diversificada, com cultivo variado de produtos; isso se deve aos métodos utilizados pelo técnico; como fertilizante e protetor do solo, utiliza cobertura verde; como inseticidas, usa repelentes e predadores naturais mantendo o equilíbrio ecológico e preservando as espécies. Além disso, a água captada na propriedade de Décio é proveniente de um poço protegido, que ele próprio construiu, e o lixo orgânico, utilizado diretamente como adubo nas hortas.

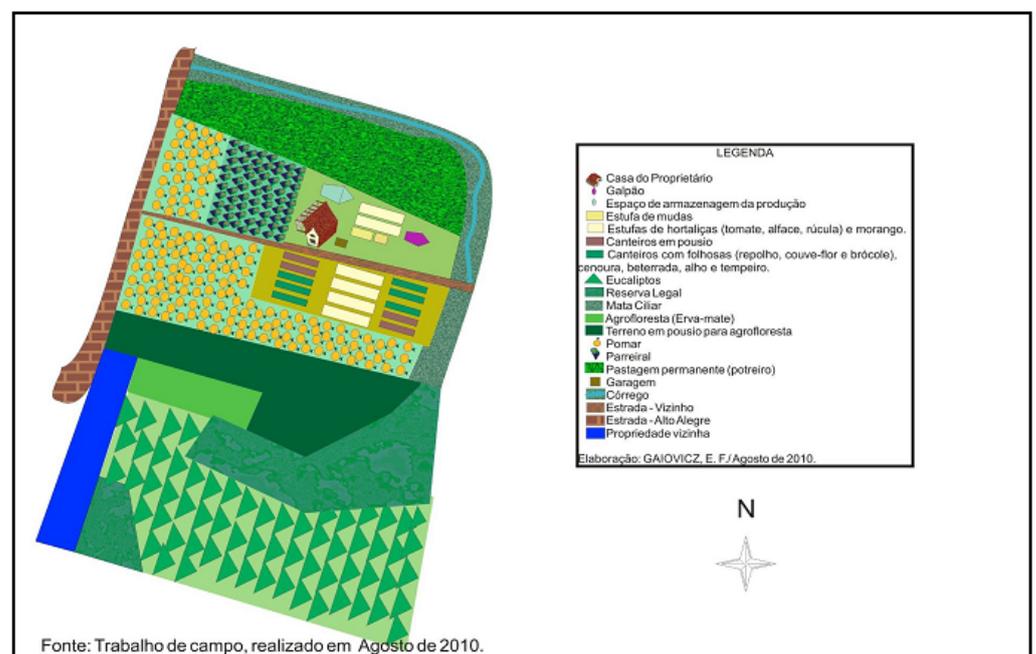
Ao falar sobre as vantagens da produção agroecológica, Décio destaca: a) os preços obtidos pela produção; b) venda garantida dos produtos; c) saúde familiar e dos consumidores através da produção de alimentos saudáveis. “A comercialização sempre dá certo e há garantia de que tudo será vendido. Além disso, é o produtor que estabelece o preço, sem ter que contratar grandes empresas”, afirma. Como desvantagem, menciona a falta de força de trabalho, ou seja, de pessoas disponíveis para fazer o trabalho braçal que a prática agroecológica exige: “Os jovens saem do campo e deixam o trabalho rural. O mercado também é frágil, é difícil criar um mercado regular e ainda falta organização dos produtores em um sistema coeso”. Além disso, faltam técnicos especializados em agroecologia.

Apesar de destacar a fragilidade do mercado, Décio afirma que há consumidores para a produção, vendem tudo que cultivam e faltam produtos. Assim, é necessário ampliar a produção criando redes de comercialização envolvendo o território de Verê e outros vizinhos, como Francisco Beltrão. Na opinião do entrevistado, isso pode ocorrer através da criação de uma central, um ponto de referência que articule os produtores agroecológicos de diferentes municípios numa comercialização em rede, formada a partir de nós estratégicos de território.

Ao analisarmos a figura 7, observamos que a propriedade possui uma paisagem bem diversificada, pois vemos homogeneidade apenas em 20% da propriedade, na área destinada para a produção de eucaliptos; a maior parte é utilizada para a produção agroecológica de alimentos, com mais de 20 variedades de produtos, cada qual com um planejamento específico para cada época de produção.

Outro aspecto importante é a presença significativa de mata ciliar e reserva legal, um ponto positivo para a propriedade, pois na maioria das propriedades parcialmente agroecológicas, tal área é destinada também para pastagem, ou para plantio de forrageiras, ou, até mesmo, vista como sujeira e, assim, destruída. Ademais, há também a agrofloresta, com plantação de erva-mate, através da qual o produtor consegue uma renda extra, pela colheita anual.

Figura 7 – Propriedade de Décio Cagnini



Ao estudarmos estas propriedades, verificamos que há consciência dos produtores em relação aos benefícios trazidos pela produção agroecológica, porém, ao mesmo tempo, pensam na rentabilidade imediata e no pouco uso de mão-de-obra da produção convencional, já que esta é mecanizada. Alegam, ainda que não há incentivo por parte do governo e falta de mão-de-obra na propriedade agroecológica, resultando na busca por uma renda rápida, disponibilizada pela produção convencional ou pelo arrendamento. No entanto, a maioria deles têm como objetivo principal, a longo prazo, a conversão total da propriedade em agroecológica, sabendo que esta forma de produção exige muito tempo de trabalho e cuidados especiais.

Produtores totalmente agroecológicos

Para enfatizar a importância de produzir e consumir alimentos saudáveis, em preservar e conservar o ambiente, apresentaremos os produtores totalmente agroecológicos do município de Verê-PR, que veem na agroecologia uma forma alternativa de sobreviver e manter-se na pequena propriedade rural. Estes produtores são os que possuem toda propriedade voltada para a produção de alimentos saudáveis, entre eles estão: Alcides Moreschi, Aldoino Colpani, Baldoino Berns, Darci Cassol, Janete Ferreira, Lídia Ferreira e Rudi Castagna, representados pelas duas propriedades apresentadas a seguir.

Propriedade totalmente agroecológica da Família Cassol

A primeira é a da Família Cassol, que mora no município de Verê há 56 anos e na propriedade atual desde 1973. Nela trabalha o produtor e, na época de produção, contrata alguns empregados temporários. A área total da propriedade é de 2,4 hectares, toda destinada às culturas agroecológicas temporárias, com estufas de hortaliças (figura 8), frutas e 20% da propriedade é destinada à mata nativa e capoeira. Além disso, as hortaliças são irrigadas à noite para diminuir os gastos com energia elétrica, através de um projeto de irrigação noturna do governo estadual.

Figura 8 – Estufa de hortaliças na propriedade de Darci Cassol.



Fonte: Arquivo pessoal, GAIovicz, E. F./Agosto de 2010.

Darci trabalha com agroecologia há 13 anos. Antes, a família produzia convencionalmente; foi Fátima, a esposa, quem incentivou a conversão para a produção agroecológica. O CAPA, com Décio como técnico, e o STR, que organizou uma lista dos produtos que os consumidores gostariam de ter no mercado, tiveram papéis fundamentais, ensinando técnicas de cultivo, organizando e planejando a produção.

Além do CAPA, que auxilia com assistência técnica, outras entidades também são parceiras de Darci na produção agroecológica, entre elas, a CRESOL, que, apesar de cobrar juros por seus financiamentos, tem uma linha de crédito específica para os produtores agroecológicos, para investimento na construção das estufas, e/ou custeio para a compra de mudas. No entanto, conforme afirma Darci (2009):

...a CRESOL não acreditava na produção orgânica, dava maior prioridade às produções transgênicas (convencionais), pois faltavam linhas de crédito aos produtores agroecológicos. Graças ao Governo do Paraná que está trabalhando muito nos incentivos à agroecologia, principalmente com o programa Fome Zero. Parece que a CRESOL não aprendeu ainda trabalhar com os produtores familiares. As entidades se acomodam: têm muito dinheiro que chega, porém, não usam em atividades, deixam o dinheiro parado.

A família Cassol comprou as primeiras sementes de Décio e agora compra no mercado. Para combater as pragas usam super-magro, dipel (inseticida biológico), óleo de nim (extrato de sementes de uma espécie de árvore meliaceae) e calda bordalesa. Darci abandonou a produção de suínos após a inserção na agroecologia, pois como o produtor afirma ao *Jornal de Beltrão* (06/03/2010) “com a crise na suinocultura, de tinha R\$100 de prejuízo por dia...”. A comercialização dos produtos acontece diretamente in loco com consumidores (sobretudo vizinhos), e na APAV.

Em entrevista ao *Jornal de Beltrão*, em março de 2010, o agricultor afirmou que, com a produção agroecológica, consegue uma renda significativa, suficiente para se manter no campo em sua pequena propriedade, a agroecologia viabiliza a pequena propriedade e a produção em pequena escala, desde que haja grande variedade, pois o mercado para tais produtos é garantido, principalmente para aqueles produzidos fora de época, como o tomate, que, em estufa, pode ser produzido também no inverno. Além da produção agroecológica de hortaliças, há produção de leite, carne suína e peixe para consumo da família e, na cozinha da APAV, produzem conservas e sucos. Ao mesmo tempo, ocorre o cuidado com a saúde familiar e consumidores, e do ambiente; a captação de água de boa qualidade é feita através de um poço e uma fonte protegida.

Na figura 9, observamos claramente a paisagem da propriedade com uma diversidade considerável de produtos, em uma pequena área se comparada com outras propriedades estudadas. Há variedade de produtos em seis estufas, além de vários canteiros de hortaliças entremendo as estufas, ao lado delas, um espaço destinado ao pomar recentemente—em janeiro de 2010—plantado.

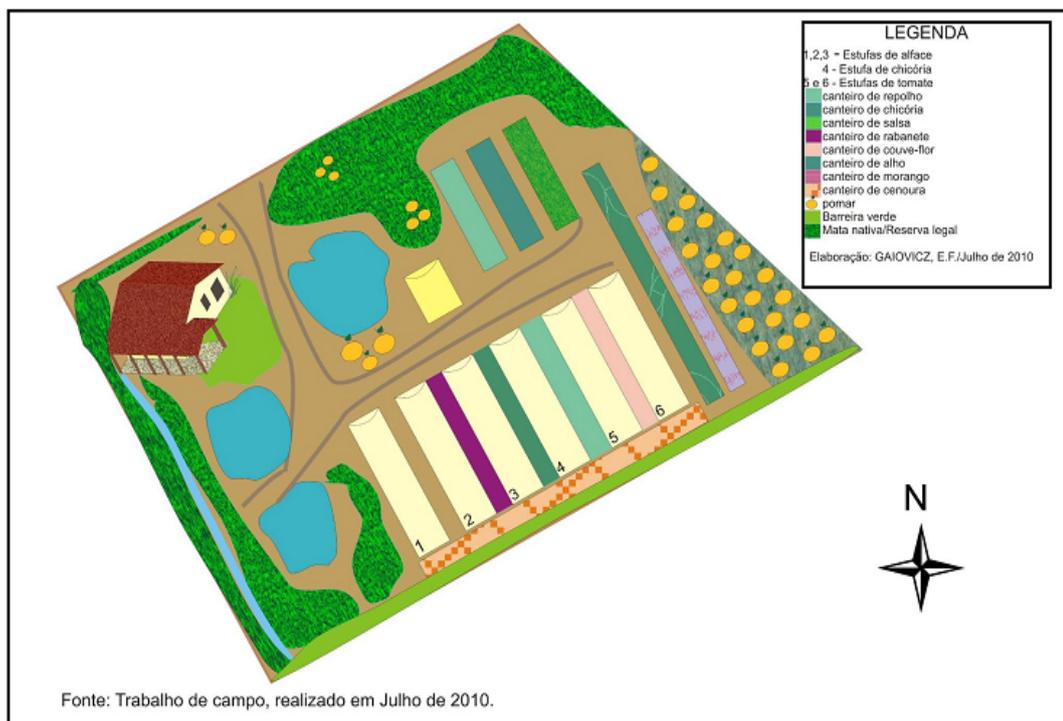
Outro aspecto interessante é a barreira verde feita com carreiras de capim elefante e cana-de-açúcar. Segundo o agricultor, a barreira verde é importante para evitar a entrada de agrotóxicos de outras propriedades convencionais, trazidos pelo vento e pela água. É relevante comparar a propriedade de Darci Cassol com a de Aldair Alberton, em apenas 2,4 hectares; aquele consegue produzir maior variedades de produtos que na propriedade da família Alberton com 40 hectares; isso é possível devido à agroecologia. A organização planejada da propriedade revela os princípios adotados pela família em seu lugar e território de vida.

As principais vantagens da produção são a venda garantida, a geração de um ganho semanal, cuidado com a saúde da família e dos consumidores, mercado garantido para os produtos, embora falte produção: “no começo de julho, por exemplo, faltou muita alface”, a produção desta, necessita de mais cuidado e mão-de-obra, por isto, é limitada ao manejo nas estufas.

Segundo o produtor, para melhorar a produção e a comercialização dos produtos

agroecológicos é necessário maior envolvimento dos produtores, organização de cursos, “porque as pessoas envelhecem e não aprendem mais novas técnicas para cultivar agroecologicamente”, assistência técnica para acompanhar durante toda a produção, pois o CAPA não consegue assessorar a todos. Enfim, é uma propriedade pequena, mas com aspectos diversificados, uma relação íntima entre o homem e a natureza, consolidando a criação de uma paisagem natural/cultural/agrária e transformada.

Figura 9 – Propriedade de Darci Cassol



Propriedade totalmente agroecológica da Família Berns

A família Berns veio de Angelina - Santa Catarina mora em Verê, desde 1957 e na propriedade desde 1972. A gestão da propriedade é familiar e nela moram 12 pessoas, todas da família. O cuidado com a plantação é feito por todos, principalmente pelos filhos, que cuidam da metade da área de cultivo que lhes pertence.

Baldoino demonstra um cuidado grande com o ambiente e interesse nos assuntos de conservação ambiental. Comentando sobre o processo de colonização da região, diz que, quando vieram morar em Verê, só havia mata (pinhal e eucaliptos), tudo era terra que pertencia aos caboclos. O Governo já havia realizado a divisão dos lotes e, desde 1968, a madeira era vendida, sob financiamentos públicos e incentivos ao desmatamento antes era simplesmente queimada para deixar espaço para a produção, vendida por baixo preço devido ao excesso de oferta.

A propriedade possui 26 hectares dedicados exclusivamente à agricultura agroecológica desde 2000, quando passaram a produzir agroecologicamente devido a duas intoxicações na família, causadas por agrotóxicos empregados no cultivo convencional. Atualmente, as principais produções agrícolas, para comercialização são soja, mandioca, milho e feijão (figura 10); produzem, ainda, trigo, batata-doce, linhaça, pipoca, frutas e verduras estas últimas para consumo da família.

Baldoino afirma que boa parte dos produtos consumidos pela família são produzidos na própria propriedade, e isso só é possível, graças a agroecologia, que permite a plantação de vários

produtos ao mesmo tempo, sem degradar o solo, preservando as águas e o ar, pois não utilizam agrotóxicos. Conforme a lei do programa Fome Zero, em Verê, os produtos agroecológicos garantem 30% acima do valor do convencional, pois deriva da agricultura familiar, a APAV e o Fome Zero são os intermediários das vendas. A assistência técnica é realizada pelo CAPA.

Figura 10 – Plantação de mandioca e barreiras verdes da propriedade da família Berns



Fonte: Arquivo pessoal, GAIOVICZ E.F./Janeiro de 2011.

A principal vantagem da agroecologia, segundo o produtor, é o baixo preço da produção; no entanto, produzem em menor quantidade, no máximo, 150 sacas de soja e milho em 7,26 hectares. Conforme Baldoino, em entrevista em julho de 2009,

[...] com o uso de veneno, a gente sabe que a produção é maior. Se fosse só pelo dinheiro, nós já teria parado com a produção agroecológica, mas esse não é nosso objetivo, ficamos na canoa e temos que remar contra as correntes, o nosso objetivo é a saúde e o cuidado com o meio ambiente.

As desvantagens citadas são: falta de produtos para abastecer o mercado; de financiamentos para auxiliar no aumento da produção em pequenas propriedades e de união dos produtores que sozinhos não alcançam seus objetivos.

Conforme apresentamos na figura 5, a família Berns, não utiliza grandes áreas com o mesmo cultivo, realiza rotação de culturas, nem sempre os mesmos produtos estão plantados sobre as mesmas áreas, diferente da produção convencional de alimentos, na qual se cultiva uma grande extensão de terra com o mesmo produto, gerando uma monotonia na paisagem com esse tipo de produção.

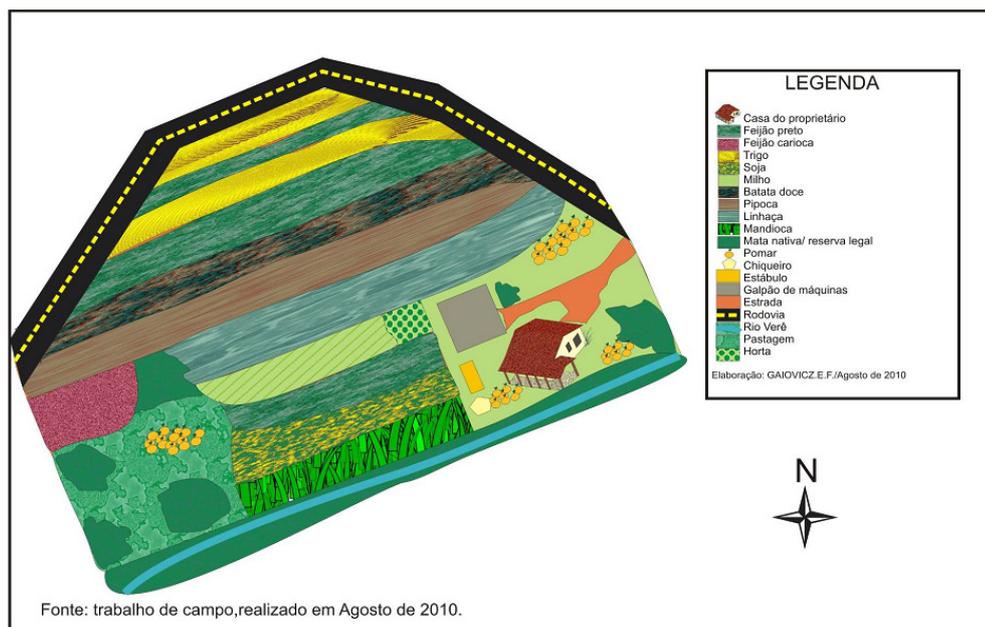
Além disso, são respeitadas as épocas do ano para cada tipo de cultivo. Quando há poucos produtos, em determinada época do ano, grande parte das terras cultiváveis da propriedade são deixadas em pousio, para que a cobertura verde venha, por conta própria, revigorando as forças e a fertilidade do solo.

Na figura 11, percebemos com maior clareza a diversidade de produtos que são possíveis numa produção agroecológica, uma paisagem diferenciada, heterogênea e diversificada.

Outro aspecto que observamos é a presença de áreas de mata nativa, reflorestamento e mata ciliar. Isso nos remete ao fato de que desmatar completamente a propriedade, não é alcançar a eficiência produtiva, como se anunciava na modernização da agricultura. Essa propriedade é um exemplo de que, para se ter organização não é necessário desmatar, eliminar a diversidade, significa integrar cada espécie de forma a gerar complementaridade, a fim de produzir alimentos saudáveis, preservar o ambiente e viabilizar economicamente a permanência do agricultor no campo.

Ao estudar as propriedades agroecológicas, verificamos que todos os produtores buscam melhorar, a saúde familiar e dos consumidores, a viabilização econômica e cultural de sua permanência no campo, na pequena propriedade e a preservação ambiental, mas, ao mesmo tempo, encontram muitos desafios, como um grande dispêndio de energia no trabalho, falta de mão-de-obra temporária para auxiliar na limpeza ou na colheita dos produtos e falta de incentivos financeiros por parte do governo. No entanto, os produtores alegam que esses desafios podem ser superados, quando há união, força de vontade, preocupação com o ambiente e com a saúde e, principalmente, quando se acredita que é na agroecologia que a melhoria de vida se torna possível.

Figura 11 – Propriedade de Baldoino Berns e família



Ao finalizar a apresentação e análise da organização das propriedades estudadas, observamos a presença de um elemento fundamental na construção/transformação da paisagem: o homem. Ao mesmo tempo, ele consegue criar várias paisagens culturais, humanizadas e agrárias, mas tudo isso é possível pela relação existente com as características naturais (clima, relevo, vegetação) já presentes em determinado espaço, ou seja, a paisagem natural é anterior à ação humana, mas é ela quem dá condições para a concretização das ações dos humanos que se territorializam constantemente, em cada propriedade, cada safra, todos os dias.

Em todas as propriedades, há paisagem; todavia, algumas mais humanizadas, outras mais naturais, o que encontramos são paisagens naturais e culturais juntas, indissociáveis, uma é parte da outra. Neste estudo, percebemos que todas são o que Claval

(2004) chamou de paisagem agrária, com diferentes ações do homem no solo, buscando a produção agrícola necessária, e/ou desejada, agroecológica e/ou convencional. A paisagem agrária é a combinação de fatores como o habitat e as parcelas de terra que intervêm na organização do espaço rural e na territorialização.

As transformações ocorridas na paisagem, pelas atividades humanas ou pelo próprio avanço da sociedade, são tão fortes que chegam a ser degradantes, e é também por este motivo que os objetivos da agroecologia devem ser divulgados e adotados, para termos paisagens transformadas, porém, a favor da qualidade de vida e da preservação do ambiente.

Considerações finais

A partir dessas informações, percebemos vantagens e possibilidades em produzir agroecologicamente, mas, como ocorre em outras atividades, há dificuldades que vão surgindo em cada fase de conversão da propriedade, que podem ser superadas quando há esforço em prol da saúde e da preservação ambiental, quando o agricultor decide o que plantar e para quem venderá, conquistando autonomia e sobrevivendo na pequena propriedade rural, utilizando a força de trabalho da família, obtendo melhor renda, saúde e qualidade de vida.

A qualidade de vida é um dos pontos positivos, pois, segundo os agricultores, com a agroecologia é possível manter-se no campo, com saúde física e mental, ao mesmo tempo, conseguiram ter acesso a saúde, educação, lazer, além de obter melhoria na renda, tendo acesso às tecnologias disponíveis no mercado, além de condições de adquirirem seus automóveis, melhorarem a qualidade de suas moradias, e, ainda, o melhor, considerado por eles, consumirem alimentos com segurança de que são saudáveis e farão bem a sua saúde, ademais utilizam o trabalho familiar, deixando uma herança cultural para seus filhos e parentes, substantivando princípios de um desenvolvimento territorial com participação e solidariedade.

Outro ponto positivo destacado é a autonomia. Segundo os agricultores, a agroecologia dá condições do agricultor ser autônomo. Neste caso, ela é individual e coletiva; — individual, pois cada agricultor tem em suas “mãos” o poder de decisão; e coletiva, quando há uma instituição como a APAV, capaz de garantir igualdade de oportunidades aos indivíduos para que estes satisfaçam suas necessidades. A autonomia dá condições para que o agricultor tenha capacidade de gestionar e controlar os processos econômicos, políticos, culturais e ambientais em sua propriedade. Além disso, ele tem liberdade de produzir o que deseja, de vender para quem quiser e ao preço que achar necessário; fatores definidos pelos agricultores, que determinam a autonomia, através da agroecologia.

O ponto positivo mais evidenciado pelos agricultores é a possibilidade de plantar para consumir. Não é uma volta ao passado, é uma forma de utilizar mecanismos de produção atuais que dão origem a produtos tão saudáveis como na agricultura tradicional.

Compreendemos ainda que com a modernização da agricultura, vários atores passaram a modificar o espaço geográfico, imprimindo, no território, elementos que caracterizam intensas modificações a partir da incorporação de novas tecnologias. Mesmo com pouca participação, as relações capitalistas globais influenciam no local e as estruturas territoriais que vinham sendo construídas voltaram-se para a classe social dominante. Muitos agricultores que possuíam pouca terra eram obrigados a vender o que possuíam e tornar-se trabalhadores assalariados marginalizados nas cidades.

Se, por um lado, a modernização da agricultura é fruto da territorialização das relações capitalistas, por outro, criou condições para que se iniciasse a percepção dos problemas — ambientais, sociais e culturais — ocasionados por esses novos padrões. É com o desenvolvimento da agricultura convencional que a agricultura alternativa emergente consolidasse. Entre as práticas alternativas, a que se destacou no município de Verê foi a agroecologia.

Em Verê, a constituição da agricultura agroecológica foi condicionada por relações culturais, econômicas, políticas e ambientais histórica e tradicionalmente constituídas. Essa dinâmica vem-se caracterizando, há cerca de 10 anos, como um movimento territorial justamente porque essa forma de produção estabelece novas relações de organização social, formando redes em novas estruturas territoriais. É um movimento de resistência aos padrões de produção impostos pela modernização centrada no pacote tecnológico.

Desta maneira, percebemos que além da agricultura convencional, que condiciona o agricultor a um padrão de produção e a uma dependência da indústria, existem outras formas de subordinação, a integração, vista a partir do processo de produção avícola integrada, realizada pela Sadia - Dois Vizinhos. Compreendemos que há uma subordinação do agricultor familiar em relação à indústria, através de mecanismos de subordinação como um contrato de integração, exigentes investimentos em aviários, automatizações, em construções, organização da propriedade e em relação às leis ambientais. Os investimentos nos aviários tornam-se tão altos, que não há como o avicultor simplesmente abandonar esse tipo de produção e, cada vez mais, contrai dívidas substanciais que, muitas vezes, se não tiver outra atividade paralela, como vacas de leite, produção de grãos, ou outro trabalho fora da propriedade, não consegue pagá-las.

Encontramos uma forma alternativa de produção, como contraponto à produção avícola integrada, como alternativa à produção convencional. Todos os agricultores estudados, já tiveram suas propriedades completamente voltadas para a produção convencional de alimentos e eles garantem que a produção agroecológica é melhor, pois oferece boa renda, autonomia, qualidade de vida e a dinâmica de produção é diversificada e muito bem organizada.

Ademais, os agricultores possuem duas organizações políticas, APROVIVE (Associação dos Produtores Vitivinícolas de Verê) e APAV, que organizam e comercializam a produção, além do CAPA, que disponibiliza assistência técnica aos agricultores agroecológicos do município e região. Todas as propriedades possuem certificação fornecida pela REDE ECOVIDA, entidade, cuja certificação é participativa, num sistema solidário de geração de credibilidade que, por sua vez, elabora as normas com a participação efetiva dos agricultores. Há ainda, a ASSESOAR, que desempenha o papel de incentivadora e promove cursos voltados para a produção de alimentos agroecológicos, e a CRESOL, que disponibiliza financiamentos aos agricultores familiares. Todas juntas, essas entidades formam um campo de forças em favor da agroecologia, da sua autonomia e dos agricultores.

Outro fato importante é que, com a agroecologia, além da relação homem/natureza ser amistosa, há também as relações estabelecidas entre os próprios agricultores; há uma experiência de afetividade singular nesta forma de produção. E, a partir dessa proximidade e força, a resistência da agricultura agroecológica de Verê, fortalece-se constantemente, absorvendo demandas e resultando em novas formas de interação entre os agricultores e consumidores, e isso se reflete também na forma de organização das propriedades agroecológicas.

Verificamos também que a produção agroecológica exige um cuidado especial, com trabalho diferenciado, com cultivos diversificados, com a natureza, com a água, com a biodiversidade em geral, o que antes —na modernização da agricultura— era prejuízo e demandou investimentos para extermínio, —insetos e vegetação verde— hoje, são utilizados como auxílio, de forma proveitosa para o desenvolvimento de cada propriedade. Porém, isso é possível quando há financiamentos favoráveis para investimento e mão-de-obra disponível para lidar com a terra, pois a produção agroecológica não é tão simples, há dificuldades, como: falta mão-de-obra, valorização da produção e financiamentos que sejam disponibilizados aos agricultores para que haja melhores investimentos na propriedade.

Todas as características citadas são da agricultura familiar brasileira, diferenciada pela agroecologia, mas que continua sendo mediada por Ongs, organizações sociais e pelas associações fundadas pelos agricultores, revelando que as relações estabelecidas no(s) território(s) podem e precisam ser dinamizadas em favor do desenvolvimento local e, a partir da organização dos agricultores agroecológicos de Verê, das associações,

das Ongs e de todas as entidades envolvidas, apresentam um bom potencial para ampliar a produção, melhorar ainda mais a renda e a qualidade de vida das famílias.

Referências

ALBERTON, A. **Produção Agroecológica..** Entrevista concedida a Elaine Fabiane Gaiovicz e Valentina Bianco, Verê, 25 de agosto de 2009.

ALTIERI M. **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa.** Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTURA ORGÂNICA, **Agricultura Orgânica: conceitos e princípios, principais práticas e comercialização.** 2008. Disponível em <www.aa.org.br/agriorganica.asp>. Acesso em 25 de maio de 2009.

AVICULTOR INTEGRADO À SADIA. **Sistema Sadia de Integração.** Entrevista Concedida a Elaine Fabiane Gaiovicz, Dois Vizinhos, 13 de setembro de 2010.

BERNS, B. **Produção Agroecológica.** Entrevista concedida a Carolina Bonelli, Valentina Bianco e Poliane de Souza, Verê, 21 de julho de 2009.

BERQUE, A. Paisagem-marca, Paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Paisagem, Tempo e Cultura.** Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global: um esboço metodológico. **Revista IGEOG/USP**, São Paulo: USP, n. 13, 1971. Caderno de ciências da terra.

CAGNINI, D. **Produção Agroecológica.** Entrevista concedida a Elaine Fabiane Gaiovicz, Verê, 05 de agosto de 2009.

CASSOL, D. **Produção Agroecológica.** Entrevista concedida a Elaine Fabiane Gaiovicz, Valentina Bianco e Camila Casiraghi, Verê, 05 de agosto de 2009.

CLAVAL, P. A paisagem dos geógrafos, in: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL Z.(Orgs.), **Paisagens, Textos e Identidades.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

GLIESSMAN, S. **Agroecologia, Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável.** Porto Alegre: UFRGS, 2001.

JORNAL DE BELTRÃO. **Verê: Com apenas um alqueire, produtor consegue renda de quase R\$ 3 mil.** 06 de março de 2010. Disponível em <<http://www.jornaldebeltroao.com.br/conteudo/noticia.asp?id=48624>>. Acesso em 06 de março de 2010.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Ática, 1993.

SAQUET, M. A. **Abordagens e Concepções de Território.** São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAQUET, A. A. Reflexões sobre a agroecologia no Brasil. In: ALVES, A. F.; CARRIJO, B. R.; CANDIOTTO, L. Z. P.; (Orgs). **Desenvolvimento Territorial e Agroecologia.** 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

SAUER, C. O. A Morfologia da Paisagem. In. CORRÊA, R L; ROSENDAHL, Z. (Orgs.)

Paisagem, Tempo e Cultura. 2.ed. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

Correspondência:

Elaine Fabiane Gaiovicz - Rua alagoas, nº 415, Bairro Alvorada, Francisco Beltrão

E-mail: elaine-fabiane@hotmail.com

Recebido em 26 de agosto de 2011.

Avaliado em 21 de setembro de 2011

Revisado pelo autor em 19 de fevereiro de 2013.

Aceito para publicação em 20 de fevereiro de 2013.